

A dimensão republicana de Ruth Cardoso

Por Celso Lafer

“Todos molham nas tintas do escrever as cores dos seus afetos.” (Pe. Antônio Vieira)

O mesmo afirmo na fala de abertura deste evento em homenagem a Ruth Cardoso, pois o afeto permeia a minha admiração por Ruth. Também o Pe. Antônio Vieira dizia que só podemos enfrentar os desafios da vida com as nossas armas e não com as dos outros. As armas de Ruth na lida com os desafios de seu percurso resultam de uma sábia e única combinação das suas virtudes e da inteligência intelectual de seu olhar, um olhar aprestado por uma formação acadêmica de qualidade.

“Virtude é uma disposição adquirida para fazer o bem” (Aristóteles). É uma expressão de excelência. É pelo exemplo que se captam as virtudes. O percurso de Ruth exemplifica suas virtudes. Entre elas: a civilidade da polidez como uma qualidade no trato pessoal; a fidelidade a princípios; a temperança como arte de desfrutar a vida e como exercício de liberdade; a simplicidade como sabedoria; uma serenidade sem frieza; uma tolerância com respeito mas sem concessões; a boa fé como sinceridade mas sem ingenuidades; a amizade como comunidade compartilhada.

Todos os que tiveram o privilégio de com ela conviver e beneficiar-se de sua amizade sabem – com um saber de experiência – ao que estou me referindo. “Uma expressão do seu modo de ser, reside no papel de sua formação araraquarense, como ela me dizia” (e que é um tema de Ignácio de Loyola Brandão e que permeia a biografia que sobre ela escreveu). A experiência da formação em Araraquara era para ela uma referência. “Comentando algo que criticava, dizia-me com cumplicidade, por conta dos meus laços com a cidade, onde minha mãe se criou: ‘Isto não está de acordo com os nossos padrões araraquarenses’”.

A consistência e a firmeza de suas virtudes não se deram apenas na esfera do íntimo e do privado. A dimensão que Ruth teve no espaço público confirmou a percepção de suas qualidades e de sua excelência. O que soava pela figura pública de Ruth foi um dos modos – mas não o único – por meio do qual verteu espírito público à Presidência de Fernando Henrique Cardoso, mantendo nesta dinâmica a autonomia da sua identidade e redefinindo o papel da mulher do Presidente.

Deste som transparecia o transitivo e substantivo diálogo entre Ruth e FHC – um diálogo permeado pelo respeito e pelo humor (uma qualidade democrática) que contribuiu para a

atmosfera política do período, como posso, como tantos outros testemunhar, tendo vivido “de dentro” o seu governo, e de perto como amigo a sua vida política e acadêmica.

A dimensão republicana de Ruth tinha o lastro de sua condição de intelectual e pesquisadora que trouxe para o cenário político o olhar de sua formação de antropóloga. Daí a percepção que teve para a relevância da pesquisa, e para o entendimento das coisas, do que se passava no âmbito da sociedade civil e o foco que deu aos movimentos sociais, às reivindicações de gênero, ao papel das organizações não-governamentais. (É o que ela me dizia, e a FHC sobre a importância deste olhar).

Lembro o que escreveu no luminoso prefácio ao livro de Manuel Castells, de quem foi próxima, sobre a sociedade em rede, assim como o que consta de sua Obra Reunida, lançada em 2011, organizada e apresentada por Teresa Caldeira.

A Comunidade Solidária foi a expressão em termos de ação desta sua visão de pesquisadora e estudiosa do Brasil. Contribuiu para renovar a concepção das políticas sociais em nosso país, pela ideia-força do *empowerment* como meio de enraizar econômica e politicamente a extensão da cidadania. Trabalhou assim em prol da autonomia das pessoas e combateu as tradicionais práticas da política da clientela. Deu sequência a esta visão nas atividades da Comunitas (cf. Ruth Cardoso e outros, Sociedade Civil, democracia e desenvolvimento: ideias e experiências em debate, 2006).

Ruth soube contextualizar e compreender o Brasil que ela viveu, com destaque para a significativa mutação do que era o tradicional da condição feminina. Foi o que propiciou uma crescente presença das mulheres no mundo da profissão, dos negócios, da política e do pensamento com impacto redefinidor da prévia lógica social dos papéis do masculino e do feminino.

Esta *mutatio rerum* representou para Ruth o desafio de buscar e encontrar na sua vida um equilíbrio entre seus projetos intelectuais e sua carreira de professora, com identidade e espaço próprio de atuação e os cuidados com a casa, a educação dos filhos, a atenção com os netos e o convívio com um marido da projeção intelectual e política de FHC.

A excelência com a qual construiu este equilíbrio teve desdobramentos que foram além de sua pessoa. Da convergência de sua experiência pessoal com a sua visão de pesquisadora acima mencionada, Ruth construiu um feminismo prático, voltado para a afirmação da igualdade de gênero, instigando os renovados propósitos das políticas sociais do governo FHC.

Contribuíram no trato da emancipação feminina para a visão da Comunidade Solidária e da Bolsa-Escola.

A ênfase no responsável papel da mulher nas famílias brasileiras traduziu-se de modo abrangente pela afirmação do conhecimento, e, por via de consequência, pelo *empowerment* da cidadania. Daí o papel que teve na afirmação dos princípios básicos dos Direitos Humanos, que são a igualdade e a não discriminação, e na sua moldura a devida atenção à especificidade dos mais vulneráveis.

Celso Lafer, advogado, jurista e professor, foi ministro das Relações Exteriores do Brasil. É presidente do Conselho da Fundação Fernando Henrique Cardoso.